

MAX WEBER E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

Selene Herculano

"Ninguém sabe se, ao término desta extraordinária evolução [do capitalismo] surgirão profetas novos e se assistirá a um pujante renascimento de idéias e ideais ou se, ao contrário, o envolverá toda uma onda de petrificação mecanizada e uma luta convulsa de todos contra todos. Neste caso, aos últimos homens desta fase da civilização pode-se aplicar esta frase: especialistas sem espírito, gozadores sem coração."
Weber, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo

Max Weber (1864 - 1920) foi quem lançou as bases da Sociologia do Significado (*verstehen Soziologie*), pondo seu foco de estudo na construção dos valores, nas expectativas e motivações que norteiam as ações sociais humanas.

Nascido de pai protestante e mãe católica, Weber experimentou no seio da família os conflitos de valores religiosos. Em 1918 foi um dos fundadores do Partido Democrático Alemão e assessor da delegação alemã signatária do Tratado de Versalhes.

O contexto social de Weber foi marcado pela atuação de Bismarck, Chanceler do Império Germânico (1862 – 1890), pelo militarismo e pelo movimento romântico Sturm und Drang (Tempestade e Tensão).

A sociologia weberiana entre nós foi objeto de uma certa má-vontade por parte dos adeptos das correntes marxistas, que têm sido até aqui hegemônicas na sociologia brasileira. Esta má-vontade se deu, penso, não tanto pelas críticas de Weber ao enfoque marxista, quanto pelos usos e adaptações que Weber sofreu pela sociologia norte-americana, no contexto da guerra fria, quando se tratava de dar ênfase a um autor com uma bagagem e uma envergadura suficientes para fazer frente a Marx. É verdade, como veremos, que suas matrizes teóricas são bem diferentes, mas não são excludentes. Tanto não o são que a Escola de Frankfurt¹ apoiou-se em ambos ao elaborar suas críticas à sociedade moderna.

Dentre as simplificações, incompreensões e revisões que o pensamento weberiano sofreu, está aquela que, erroneamente, lhe atribui uma atitude de louvor à modernidade e ao capitalismo moderno. Weber não celebrou a sociedade moderna capitalista como uma sociedade melhor, porque racional. O que fez foi procurar estudar a racionalidade como um fenômeno histórico moderno e tentar examinar o que significa e que destino pode tomar uma sociedade que se crê e se deseja racional. Se sopesarmos suas obras, veremos que, na verdade, ele se deteve muito mais estudando aspectos não racionais da sociedade humana - o carisma, a honra dos estamentos, as religiões, a

¹ Corrente sociológica surgida na Alemanha nos anos 30, no Instituto para o Estudo da Sociologia, em Frankfurt, onde pensadores como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm e outros promoveram uma aproximação entre Marx, Weber e Freud. Consultar B. Freitag

crítica ao lado emocional da democracia plebiscitária, do que em teorias sobre a racionalidade capitalista. Suas conclusões a respeito da passagem à modernidade, seja capitalista ou socialista, autorizam-nos a conceituá-lo como um pessimista, neste caso bem o oposto do Marx otimista que, como Hegel, acreditava que nós caminharíamos para um horizonte social risonho e feliz.

Suas principais obras são:

- A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (1905);
- A Teoria dos Estágios e Direções das Rejeições Religiosas do Mundo (1915-1920);
- A Religião da China; A Religião da Índia (1916); - O Judaísmo Antigo (1917);
- Economia e Sociedade (1916 - 1920);
- A Ciência como Vocação e A Política como Vocação (conferências em 1918);
- História Geral da Economia (1923).

O Método compreensivo e a ação social

O método weberiano de análise sofreu diversas influências: da Hermenêutica de Schleiermacher e de Dilthey²; da História da Cultura, em reação contra o Idealismo; de Tönnies e sua obra Comunidade e Sociedade, de 1887; de Schmoller, no olhar sobre a Economia e sua crítica à abstração do *homo oeconomicus*, genérico. Para este autor, tanto quanto para Weber, só há sentido em falar do homem concreto em contextos sociais particulares, históricos.

Weber superou a polêmica de sua época entre Windelband (1848 – 1915) e seu aluno Rickert (1863 – 1936), recusando o fracionamento da realidade. Windelband e Rickert criticavam a divisão da ciência em ciências da natureza e ciências do espírito, tal como Dilthey propusera. Para estes dois, a diferença seria de método e não de matéria. Em lugar da divisão de Dilthey, Windelband sugeria ver as ciências ou como *nomotéticas* (generalizantes, elaboradoras de leis gerais) ou como *ideográficas* (descritivas, individualizantes, contingentes, estudando o singular e o histórico).

Para Weber, a ciência pode ir por um ou outro caminho. Para ele, o conhecimento da realidade não é sua cópia integral nem sua reprodução e sim um constructo por meio do qual relacionamos conceito e realidade, lei e história, geral e singular. Segundo acentua P. Rossi em sua introdução à Metodologia de Weber, embora Weber discorde de que a meta da ciência seja elaborar conceitos, buscar regularidades e formular hipóteses, Weber concorda em que é útil formar conceitos para as discussões

² Hermenêutica é um termo inicialmente em 1829 por Schleiermacher no campo da Teologia, para se referir a uma sabedoria de interpretação de textos e que depois é adotado por Dilthey (1833 – 1911) como método das Ciências Humanas, em oposição ao Positivismo. Dilthey sistematizou a Hermenêutica como a filosofia da compreensão vital, baseada na experiência do sujeito (em seu texto Introdução ao estudo das Ciências Humanas, de 1883). Para ele, enquanto as ciências da natureza buscariam causas e elaborariam leis explicativas, as ciências hermenêuticas se norteariam pelo significado, pelo valor e pelas experiências vividas.

práticas, buscar conhecer regularidades e conexões causais. Mas adverte que isso não deve ser a meta da ciência e sim apenas um meio.

A reflexão de Weber sobre a sociedade moderna tem a presença forte de Nietzsche e de Marx: o primeiro, com quem conviveu, influenciou, como perceberemos, a forma como Weber vai enxergar tipos de sociedade diversos, tais como a comunidade de afetos e a sociedade racional moderna (o apolíneo e o dionisíaco conceituados por Nietzsche. O conceito de carisma foi influência de Nietzsche. Ver capítulo sobre a Modernidade e a Pós-Modernidade). Marx está presente como um interlocutor com quem se antagoniza, não para apontar erros substanciais na teoria marxista, mas para observar suas lacunas e omissões, seu *monismo causal*. isto é, o simplismo de dar uma única causa como explicativa para a ocorrência de fenômenos históricos e sociais.

Weber se interessava pela constelação de interesses (forças, motivações, expectativas) que se agrupam em um fenômeno cultural historicamente significativo. Segundo P. Rossi, Weber se propunha a compreender a conexão e a significação cultural das manifestações individuais e das razões pelas quais chegam a ser historicamente de uma dada maneira. O objeto da sua Sociologia vem a ser as uniformidades da conduta humana enquanto dotadas de sentido. O ser social, por ser um ser cultural, toma uma dada posição diante do mundo e lhe confere um sentido.

Ao definir tal objeto de análise, Weber sintetiza o geral (a cultura, a história) e o singular (as motivações, ações e expectativas individuais). No plano geral estão as uniformidades e no plano singular a construção de sentido. Assim portanto, o método da Análise Compreensiva sintetiza Dilthey, Windelband e Rickert.

Para Weber, caberia à Sociologia compreender e interpretar as ações sociais, isto é, as ações individuais ou grupais que são orientadas pelas ações dos outros (as ações passadas - a herança cultural, as tradições - e as ações presentes e futuras - as expectativas). Weber definia como ação toda conduta humana dotada de sentido e como ação social toda ação humana na qual este sentido está referido às ações dos demais.

"Por ação deve entender-se uma conduta humana (uma fazer, seja externo ou interno, um omitir ou permitir) a qual o sujeito ou sujeitos da ação a ela atribuem um sentido. A ação social é uma ação na qual o sentido pensado pelo sujeito ou sujeitos está referido à conduta dos outros e por ela se orienta no desenvolvimento da ação."(Weber, *Economía y Sociedad*, vol I, pp. 5)

Ao salientar como construímos mutuamente significados e nos orientamos mutuamente ao agirmos em sociedade, Weber destacava o quanto o nosso comportamento social é plural e reciprocamente referido. A esta conduta plural, reciprocamente referida, Weber denomina relação social, que consiste, basicamente, numa probabilidade de que se atuará em uma forma, isto é, com um sentido, algo possível de ser previsto. A construção da sociedade, o compartilhar de valores, estilos e padrões de comportamento, responde a uma necessidade nossa de nos orientarmos, tornando o mundo e pessoas à nossa volta previsíveis.

Weber é um sociólogo anti-positivista, na medida em que coloca ênfase na subjetividade, analisando os fenômenos sociais - que os positivistas chamariam de "fatos" - vendo-os não como fatos, com existência e sentido próprios, mas como uma construção de significados, uma interpretação.

A tarefa da sociologia, segundo Weber, é a de compreender, interpretando-as, as ações orientadas por um sentido.

As ações sociais estudadas por Weber estão divididas em três tipos:

- a *ação tradicional*, na qual nos orientamos e nos motivamos pelos costumes, pela tradição;
- a *ação afetiva*, onde a motivação está no plano dos afetos;
- a *ação racional*, motivada pelos fins que movem a ação - racionalidade instrumental - ou pelos valores que a orientam - racionalidade substantiva.

"A ação tradicional, como toda ação, pode ser:

- racional em relação aos seus fins: determinada por expectativas no comportamento tanto de objetos do mundo exterior quanto de outros homens, e utilizando estas expectativas como condições ou meios para lograr fins próprios racionalmente sopesados e perseguidos;
- racional em relação aos valores: determinada pela crença consciente no valor - ético, estético, religioso ou qualquer outro - próprio e absoluto de uma conduta, sem relação com o seu resultado, ou seja, simplesmente pelos méritos deste valor;
- afetiva: emotiva, determinada pelos afetos e estados sentimentais presentes;
- tradicional: determinada por um costume arraigado." (Weber, Economia e Sociedade).

Enquanto as ações tradicionais e afetivas dizem respeito às comunidades, à vida comunal (grupo doméstico, tribo, aldeia, seita religiosa), as ações racionais estão ligadas à sociedade no seu sentido mais abrangente, aos compromissos e interesses em conflito presentes na sociedade moderna.

Marx, como vimos no capítulo anterior, colocou seu foco de análise no estudo da exploração econômica de uns grupos sociais sobre outros. Para Marx a submissão e as formas de dominação seriam derivadas desta exploração econômica. Weber prefere estudar a autoridade consentida, isto é, a dominação legítima, as formas de legitimação: como é e por que é que consentimos em sermos mandados, governados, orientados, comandados? Assim, Weber não estuda o poder, isto é, o comando pela força, pela coação, pelo medo (implícito na exploração econômica), e sim a autoridade, que vem a ser, em última análise, o poder consentido, legitimado.

Os tipos de dominação legítima

"Deve entender-se por dominação a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo determinado para mandatos específicos... Um mínimo de vontade de obedecer, ou seja, de interesse em obedecer é essencial em toda relação autêntica de autoridade... A crença na legitimidade da dominação é outro fator". (Weber, Economia e Sociedade)

Haveria uma correspondência entre a tipologia de ações sociais acima relacionadas, os tipos puros de dominação legítima predominantes e os tipos de sociedade que delas resultam:

Tipos de Ação Social	Tipos de Dominação Legítima	Tipos de Sociedade
Tradicional	Tradicional	Patrimonialista
Afetiva	Carismático	Estamental
Racional	Racional	Burocrática -legal

A dominação legítima tradicional é aquela que está assentada nos costumes: o rei nos manda porque os reis sempre mandaram, porque o rei é filho do rei, que por sua vez é filho do rei, etc., etc. Reconhecemos no rei, sheik, pachá, cacique, decano ou o que o valha o direito de comando e de chefia por causa da tradição, porque sempre foi assim, porque assim fomos ensinados. A palavra "tradição" é, em si, denotadora deste sentido, significando algo que permanece por ser trazido do passado ao presente. O tipo mais consagrado de dominação tradicional é aquele vinculado a uma gerontocracia, ao governo dos mais velhos, do *pater familia*, do pai, que vem a ser o patriarcalismo. Como no patriarcalismo o direito de propriedade está restrito ao pater familia, Weber se refere a este tipo de sociedade como patrimonialismo, e o feudalismo é uma de suas formas.

Na dominação tradicional obedecemos a pessoas, que exercem livremente o seu arbítrio, apoiado por um quadro administrativo recrutado da linhagem do senhor, formado por escravos, colonos, funcionários domésticos, pelas relações pessoais de confiança, pelo pacto de fidelidade ao senhor e que são recompensados através da: 1- comensalidade (convívio na mesa do senhor); 2- das doações hereditárias de terras; 3- dos feudos conferidos mediante um sistema de direitos e obrigações recíprocos; 4- da apropriação de rendas, direitos e tributos; 5- das transferências de dinheiro e bens senhoriais. Estas duas últimas formas de recompensa, passíveis de serem renovadas, Weber chama de prebendas.

"Estas formas devem chamar-se prebendas quando se conferem de um modo renovado, com apropriação individual, mas nunca hereditária. (...) Chama-se prebendalismo a

existência de uma administração mantida principalmente desta forma (...) e a ela está vinculada a honra estamental". (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

A dominação tradicional pode assumir uma forma de dominação estamental, isto é, um domínio patrimonial que é exercido por um quadro administrativo formado por um estamento administrativo e/ou militar (grupo de status) que sustenta ele próprio os custos administrativos e que tem a propriedade dos equipamentos militares:

"Deve entender-se por dominação estamental aquela forma de dominação patrimonial na qual determinados poderes de mando e suas probabilidades econômicas correspondentes estão apropriados pelo quadro administrativo. A apropriação pode ser de uma associação ou categoria de pessoas assinaladas com determinadas características, ou de um indivíduo, e só aí então pode ser vitalícia, hereditária ou de livre propriedade". (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

A dominação carismática tem um caráter extraordinário e fora do cotidiano. Ela está no plano dos afetos: achamos legítimo sermos comandados por aquele de quem gostamos, que admiramos. O chefe, no caso, é uma figura humana dotada de *carisma*, um dom inato, uma graça pela qual é naturalmente seguido pelos seus conterrâneos, seja para o bem ou para o mal. Na história das religiões, profetas como Buda e Cristo, líderes como Lutero e Calvino foram figuras carismáticas inequívocas. No plano político, Weber refere-se à "democracia plebiscitária", uma espécie de dominação carismática oculta sob a máscara da legitimidade oriunda da vontade dos dominados. Weber cita demagogos e tiranos gregos, os Gracos em Roma, Cromwell no estado moderno inglês, Robespierre e Napoleão na França. Poderíamos acrescentar como liderança carismática exemplos tais como Fidel Castro, Hitler, Vargas, etc., embora nos exemplos políticos contemporâneos se torne difícil avaliar a presença de um carisma real, tendo em vista as técnicas refinadas de marketing e de manipulação das massas pelos meios de comunicação e pelos publicitários, que fabricam "líderes" baseados na auscultação, via pesquisas, dos anseios populares.

"Sobre a validade do carisma vem o reconhecimento - nascido da entrega da revelação, da reverência pelo herói, da confiança no chefe - por parte dos dominados; reconhecimento que se mantém por corroboração das supostas qualidades carismáticas - sempre originariamente por meio do prodígio. (...) Se esta corroboração falta, se o agraciado parece abandonado por seu deus ou pela sua força mágica ou heróica, se lhe falta o êxito duradouro e, sobretudo, se a sua chefia não traz bem-estar aos dominados, então há a probabilidade de que sua autoridade carismática se dissipe. (...) Na China, a qualificação carismática dos monarcas (carismático-hereditária) estava fixada de um modo tão absoluto que qualquer infortúnio, qualquer que fôsse - guerras desgraçadas, secas, inundações, lhe obrigava a uma expiação pública e eventualmente a abdicar." (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

O quadro administrativo de uma dominação carismática forma uma pequena camada de discípulos e sequazes:

"Não é nenhuma burocracia, mas sim um grupamento eleito também por qualidades carismáticas. Ao profeta correspondem os discípulos, ao príncipe guerreiro seu séquito, ao chefe seus homens de confiança. Não há colocação nem destituição, não há carreira nem ascensão, somente o chamamento feito pelo senhor segundo sua própria inspiração fundamentada na qualificação carismática do vogal. Não há hierarquia, senão as intervenções do chefe. (...) Não há soldo nem prebenda, os seguidores vivem um comunismo com o seu senhor. (...) Não há regulamentos, preceitos jurídicos, nem sentenças tradicionais. (...) ... o profeta genuíno, o caudilho genuíno anuncia, cria e exige novos mandamentos pela força da revelação, do oráculo, da inspiração ou por méritos de sua vontade concreta de organização, reconhecida pela comunidade de crentes, guerreiros, prosélitos ou outra classe de pessoas. O reconhecimento cria um dever. (...) A dominação carismática é especificamente irracional no sentido da sua estranheza a toda regra. (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

A dominação carismática, constituída como missão ou vocação, é vista por Weber como estranha à economia, desdenhando a economia racional ou tradicional, a regularidade de rendas, preferindo doações, subornos, propinas, extorsões:

"O carisma puro é especificamente estranho à economia. Constitui, onde aparece, uma vocação no sentido enfático do termo: como missão ou como tarefa íntima. (...) Não que o carisma renuncie sempre à propriedade e ao lucro, como ocorreu em determinadas circunstâncias com os profetas e seus discípulos. O herói militar e seu séquito buscam o saque, a pilhagem; o imperador plebiscitário ou o chefe carismático de partido buscam meios materiais para o seu poder. (...) O que todos desdenham é a economia racional ou tradicional de cada dia, a obtenção regular de renda em virtude de uma atividade econômica. (...) As formas típicas de cobertura das necessidades de caráter carismático são, por um lado, mecenasísticas - de grande estilo (doações, fundações, suborno, propinas de importância) e esmolantes, e, por outro, o saque, a extorsão, violenta ou pacífica." (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

De toda forma, a sociedade que abriga e segue um líder carismático é aquela sociedade em transição, que se rebela contra o domínio patrimonial, mas que ainda não se organizou de outra forma e que, por isto, busca seguir um guia, um herói, uma personalidade, um ser iluminado que fará as mudanças e implantará uma sociedade nova e melhor. Assim, podemos dizer que a presença de uma liderança carismática pode ser lida como sintoma de imaturidade social, de falta de organização, de inexistência da institucionalização das ações políticas: não havendo canais institucionalizados para se vivenciar a mudança, a reforma, tudo fica por conta da trajetória, da vontade e do talento pessoal de um messias salvador.

"O carisma é a grande força revolucionária em épocas vinculadas à tradição. Diferentemente da força igualmente revolucionária da ratio (razão) (que opera pela

transformação dos problemas e circunstâncias de vida ou pela intelectualização) o carisma pode ser uma renovação vinda de dentro, que, nascida da indignação ou do entusiasmo, significa uma variação da direção da consciência e da ação, com reorientação das atitudes. (...) Nas épocas pré-racionalistas, tradição e carisma dividem entre si a totalidade das direções de orientação da conduta." (Weber, Economia e Sociedade, vol I, capítulo III)

A dominação carismática dura o tempo de vida de seu líder e a sociedade que dela nasce tende a se rotinizar, seja voltando à dominação tradicional, tornando-se um carisma hereditário, seja fazendo a passagem para o tipo racional-legal, o que Weber exemplifica citando Napoleão I, criador do Código Napoleônico. Um dos problemas da passagem da dominação carismática à racional-legal é apontado na existência de uma burocracia de partido, eleita, em lugar de uma burocracia profissional, tecnicamente preparada.

Nos tempos modernos, a dominação carismática subsiste para Weber na democracia de massas, plebiscitária, onde predominam na política elementos fortemente emocionais, o domínio emocional da rua. Na democracia de massas, o chefe será aquele que conseguir demagogicamente a confiança e a fé das massas, não o reconhecimento de seus méritos. A eleição é, portanto, acrescenta Weber, uma profissão de fé e seu resultado é um "Estado de massas totalmente inadequado".. (Weber, Economia e Sociedade, vol II, Sociologia do Estado)

A sociedade assentada na autoridade racional baseia-se nas seguintes idéias:

- que haja um direito estatuído de modo racional, seja ele proveniente de pacto ou outorga;
- que este direito seja um conjunto de regras abstratas e gerais;
- que aquele que exerce a autoridade também obedeça a essa organização impessoal;
- que aquele que obedece, obedece ao direito e não à pessoa, e obedece enquanto membro da associação.

A dominação racional pressupõe um exercício continuado de leis, limites e delimitações, distribuição de funções, atribuição de poder, hierarquia administrativa, regras normativas e técnicas, separação completa entre o patrimônio público e o patrimônio privado, separação entre o cargo e a pessoa que momentaneamente o exerce.

O tipo mais puro de dominação legal é aquele que se exerce através de um quadro administrativo burocrático composto por funcionários livres, dispostos em hierarquia rigorosa, com competências rigorosamente fixadas através de contrato, ou seja, tendo por base a livre seleção segundo uma qualificação profissional que fundamenta sua nomeação (provas, diplomas); funcionários que são remunerados em dinheiro, em quantias fixas, que exercem seu cargo como profissão única ou principal, ao longo de uma perspectiva de carreira, que trabalham em completa separação dos

meios administrativos, sem apropriação do cargo, e que estão submetidos a uma disciplina rigorosa e à vigilância administrativa.

Esta administração burocrática é racional em precisão, continuidade, disciplina, rigor e confiança, *calculabilidade*. É a dominação pelo saber. Weber a viu se desenvolvendo no Estado, na Igreja, no exército, nos partidos, nas empresas e nas associações diversas, caracterizando a modernidade.

Mencionamos acima "tipos puros" e uma tipologia de formas de dominação e de sociedade. É preciso sublinhar que estes tipos são um exercício de categorização abstrata que Weber realiza, a partir do estudo histórico comparado de diferentes sociedades. Da realidade examinada ele pinça características e em torno delas constrói suas categorias e sua tipologia. A realidade histórica seria mais amalgamada.

Da mesma forma, quando Weber menciona tipos ideais, não atribui a estes um juízo de valor, não são tipos desejáveis e sim modelos abstratos.

O tipo ideal é um conjunto de conceitos construído pelo estudioso para seus fins de pesquisa. É um conjunto de traços comuns para colocar em evidência elementos característicos. É uma mediação entre o estudioso e seu objeto; é um desenho racional do real. Não se trata de um tipo exemplar, não se trata de avaliação.

Também é conveniente deixar sublinhado que, ao focar a racionalidade moderna e a sociedade moderna como sociedade racional, também não há nisso juízo de valor, como na interpretação norte-americana funcionalista³ que foi atribuída à sociologia weberiana. A sociedade moderna não é necessariamente melhor por ser racional. Aliás, sua característica não é exatamente ser racional, mas *crer* que o é, ter construído a racionalidade como modelo e como ideal. É a única das formas sociais que diz de si própria ser racional. Um chefe tradicional ou carismático não se pretende racional, mas um chefe moderno se fundamenta nessa crença.

Comunidade e Sociedade

A sociedade moderna e racional não está, todavia, vazia de elementos tradicionais e afetivos. A comunidade subsiste na sociedade moderna, a relação entre comunidade (*Gemeinschaft*) e Sociedade (*Gesellschaft*) não é excludente. A imensa maioria das relações sociais participam em parte da comunidade e em parte da sociedade. Por comunidade Weber define toda sorte de fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais: uma confraria, uma relação erótica, uma comunidade nacional, uma tropa de camaradas, a comunidade familiar. Mesmo as relações sociais que se originaram na busca racional de fins podem dar lugar a valores afetivos. Por sociedade entenda-se as relações sociais estritamente racionais no que diz respeito aos fins, uma união livre, pactuada no mercado e dirigida a determinados fins. É uma união racionalmente motivada daqueles que comungam de uma mesma crença.

³ O Funcionalismo norte-americano, cujos expoentes são T. Parsons e R. Merton, emasculou Weber na busca de uma sociologia funcional, ahistórica, contudo fortemente ideológica.

O que marca uma distinção clara entre comunidade e sociedade é a questão da luta e do conflito. Enquanto as sociedades são compromissos entre interesses em conflito, as comunidades são a contraposição radical da luta. Não que não existam tensões e violências, mas seu espírito, ethos e a expectativa que delas temos é a do locus da afetividade, enquanto que a sociedade é aceita como o locus da luta pacífica, isto é, da concorrência dentro dos marcos institucionais daquilo que é racionalmente aceito.

Em suma, a sociedade se caracteriza pela existência de:

- vários interesses
- conflitos de interesses

E a sociedade moderna soma a interesses e conflitos os

- compromissos/regras. Ou seja, o Direito, que garante a ordem pela possibilidade de coação exercida por um quadro de indivíduos instituídos com a missão de obrigar a observância da ordem e de castigar seus transgressores (Economia e Sociedade, Conceitos Sociológicos Fundamentais.)

Capitalismo: Ética e Racionalidade

O mundo sempre teve capitalismo, escreveu Weber no capítulo IV da sua História Geral da Economia. O que ocorria era que esses capitalisms eram irracionais:

"Encontramos por toda a parte, e nas épocas mais diferentes, vários tipos de um capitalismo irracional: empresas capitalistas que tinham por finalidade o arrendamento dos tributos e outras espécies de contribuições para financiar a guerra; o capitalismo mercantil de tipo especulativo; o capitalismo usurário. Todas essas formas de capitalismo são orientadas no sentido da presa de guerra, dos impostos, das prebendas oficiais, da usura. (...) Todas estas foram, somente, circunstâncias econômicas de caráter irracional, sem que jamais surgisse delas um sistema de organização do trabalho."

O capitalismo racional foi, segundo Weber, uma criação histórica do mundo europeu moderno. Ora, por que este capitalismo era visto como racional? Por vários motivos: em primeiro lugar, porque teria nascido de uma ética, a ética puritana calvinista⁴. E aqui entra a razão pela qual Weber tanto se interessou pelo estudo das religiões. Começemos por aqui.

Uma das contribuições mais interessantes de Weber diz respeito ao papel das idéias nas mudanças sociais; de como uma nova visão de mundo e um novo ethos (conduta) surgem a partir da originalidade individual de um líder carismático e de que forma se disseminam, ganham seguidores e criam novas organizações sociais - seitas e

⁴ Calvino (1509 – 1564), líder da Reforma Protestante e formulador do que seria o Presbiterianismo. Defendia a idéia de que todos os fiéis eram sacerdotes, do livre arbítrio e de que o povo deveria participar das decisões políticas e religiosas. Foi considerado herege pelo Concílio de Trento, em 1545.

igrejas - que podem vir a configurar toda uma cultura e uma civilização. Weber estava interessado no papel das idéias religiosas nas ações coletivas, como a inspiração de poucos se torna a convicção de muitos: como a inspiração carismática de uns poucos se torna o estilo de vida de um grupo (estamento) e, finalmente, a orientação dominante de toda uma civilização.

Weber estudou as religiões para fazer uma tipologia do racionalismo. As religiões foram por ele percebidas como grandes sistemas de idéias, de visões de mundo e de orientações comportamentais. Especificamente, Weber analisou a relação entre profissões de fé religiosas e o surgimento do capitalismo. Segundo Weber, o surgimento do capitalismo moderno, racional e europeu, teve muito a ver com o despontar do Puritanismo protestante e com os novos *ethos* e ética inspirados por Lutero⁵ e Calvino. Este racionalismo ascético possuía uma ética político social que teve um formidável alcance cultural na civilização moderna. Weber vai tentar provar a existência de conexões entre o protestantismo ascético e as máximas da atividade econômica capitalista.

Por que o termo "ascético"? *Ascese* vem do grego e significa elevação, superação. Os ideais ascéticos religiosos têm a ver com a purificação e a elevação aos céus, em suma, com a salvação.

As religiões, escreveu Weber em *A Ética Econômica das Religiões Mundiais*, podem ser orgiásticas ou extáticas, e salvacionistas ou ascéticas. O primeiro tipo refere-se às religiões camponesas, pagãs, panteístas, baseadas na magia, na celebração dos ciclos da natureza, em rituais de orgias religiosas que buscam o êxtase. São irracionais e seu líder é o mago. O segundo tipo refere-se, segundo Weber, às religiões urbanas,

⁵ Martin Lutero em 1517 insurgiu-se contra a venda de indulgências, tornando públicas suas 95 teses de críticas à Igreja Católica, tendo sido excomungado em 1521. Destacamos: 19. Ainda não parece ter sido provado que todas as almas do purgatório tenham certeza de sua salvação e não receiem por ela, não obstante nós termos absoluta certeza disto. 20. Por isso o papa não quer dizer e nem compreende com as palavras "perdão plenário de todas as penas" que todo o tormento é perdoado, mas apenas as penas por ele impostas. 21. Eis porque erram os apregoadores de indulgências ao afirmarem ser o homem perdoado de todas as penas e salvo mediante a indulgência do papa. 22. Com efeito, o papa nenhuma pena dispensa às almas no purgatório das que segundo os cânones da Igreja deviam ter expiado e pago na presente vida. 23. Verdade é que se houver qualquer perdão plenário das penas, este apenas será dado aos mais perfeitos, que são muito poucos. 24. Assim sendo, a minoria do povo é ludibriada com as pomposas promessas do indistinto perdão, impressionando-se o homem singelo com as penas pagas. 27. Pregam futilidades humanas quantos alegam que no momento em que a moeda soa ao cair na caixa a alma se vai do purgatório. 32. Irão para o diabo juntamente com os seus mestres aqueles que julgam obter certeza de sua salvação mediante breves de indulgência. 43. Deve-se ensinar aos cristãos proceder melhor quem dá aos pobres ou empresta aos necessitados do que os que compram indulgências.. 45. Deve-se ensinar aos cristãos que aquele que vê seu próximo padecer necessidade e a despeito disto gasta dinheiro com indulgências, não adquire indulgências do papa, mas provoca a ira de Deus. 46. Deve-se ensinar aos cristãos que, se não tiverem fartura, fiquem com o necessário para a casa e de maneira nenhuma o esbanjem com indulgências. 56. Os tesouros da Igreja, dos quais o papa tira e distribui as indulgências, não são bastante mencionados e nem suficientemente conhecidos na Igreja de Cristo. 62. O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus. 63. Este tesouro, porém, é muito desprezado e odiado, porquanto faz com que os últimos sejam os primeiros. 71. Aquele, porém, que se insurgir contra as palavras insolentes e arrogantes dos apregoadores de indulgências, seja abençoado. 86. Ainda: Por que o papa, cuja fortuna hoje é a mais principesca do que a de qualquer Credo, não prefere edificar a catedral de São Pedro de seu próprio bolso em vez de o fazer com o dinheiro de fiéis pobres ?

racionais, que buscam a salvação de seus crentes. Seu líder é o profeta, o portador do carisma, o mensageiro da salvação, alguém que traz a revelação e que luta contra o culto extático e embriagador. Os profetas inauguram uma ética, são reformadores, como Buda, Zaratustra, Maomé, Cristo, Lutero e Calvino. Depois que uma concepção religiosa inaugurada por um profeta se institucionaliza, seus líderes passam a ser os sacerdotes, que sistematizam doutrinas, que estão a serviço de uma tradição santa..

Quando a profecia começa a ter êxito, o profeta consegue reunir seguidores, colaboradores permanentes, que com ele vão fundar uma congregação. Esses discípulos do profeta vão se converter em mestres ou sacerdotes. A transformação de uma adesão pessoal para a fundação de uma congregação constitui a forma através da qual os ensinamentos do profeta passam a ser função de uma instituição permanente. Assim as seitas viram igrejas (*ecclesias*) institucionalizadas.

Entre as religiões racionais, Weber cita a religião cristã (nas variantes católica e protestante), o confucionismo e sua ética da burocracia, o budismo.

Ocorre que, entre as religiões salvacionistas há uma diferença: há as religiões que rejeitam o mundo e as religiões que se professam no mundo. Enquanto o budismo e o catolicismo rejeitam o mundo - para se salvar há que se sair do mundo - o protestantismo puritano busca a salvação no mundo. (Weber: *Rejeições Religiosas do Mundo*). É o ascetismo ativo.

De acordo com o dogma calvinista da predestinação, todas as pessoas nasciam ou predestinadas à vida eterna ou já condenadas a uma eterna morte. Esses predestinados a salvação seriam poucos, segundo Calvino. Não haveria como mudar estes desígnios. Neste sentido, o calvinismo se distanciava do credo católico, que abria a chance da salvação via sacramentos: enquanto para os católicos havia a expiação para os pecados e os sacramentos da Igreja - resquício dos elementos mágicos - para compensar uma vida incompetente, pecaminosa, e apesar disso se alçar aos reinos dos céus, para o calvinista as pessoas já nasciam marcadas, predestinadas ou não ao céu. Então, para se saber que se era um dos escolhidos de Deus, as pessoas teriam de trabalhar, ter sucesso em suas ações, enriquecer, pois essa era a melhor forma de se ter a certeza de que Deus lhe sorria. Todavia, não fazia parte do sistema de idéias do ascetismo puritano o gozo dessa riqueza. O calvinista deveria ser frugal e severo em seu estilo de vida. Daí se segue que a riqueza obtida como sinal de predestinação deveria ser reinvestida no mundo do trabalho e não gozada. Weber cita as prédicas de R. Baxter, propagandista da ética puritana, presbiteriano de Westminster:

"O que é realmente reprovável é o descanso na riqueza, o gozar dos bens, com a inevitável consequência de sensualidade e ociosidade. (...) Segundo a vontade inequivocamente revelada de Deus, o que serve para aumentar sua glória não é o ócio ou o gozo, mas o obrar. (...) O primeiro de todos os pecados é a dilapidação do tempo, perder tempo na vida social, em luxos." (Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*)

Weber vai salientar o quanto isso significou uma mudança em relação aos preceitos da igreja católica. Para São Tomás de Aquino, não haveria a obrigação de trabalhar por aqueles que disso não tivessem necessidade.

O ascetismo puritano tinha uma grande diferença em relação ao ascetismo monacal da Idade Média. Enquanto entre os monges havia que se apartar do mundo, que empobrecer para se ter uma vida de asceta, após o movimento da Reforma, os ideais ascéticos passam a ser realizados no mundo, através do trabalho profissional. Eis porque Weber acentua a importância da doutrina calvinista da predestinação como fundamento dogmático de uma nova ética, a ética puritana, que, por sua vez, teria provocado a racionalização sistemática da vida moral.

Portanto, se Weber destacava duas racionalidades, a dos valores e a dos fins, pudemos identificar nesta primeira análise referente a vinculação entre uma dada ética religiosa e o capitalismo, uma racionalidade no plano dos valores.

A outra ordem de explicações diz respeito aos fins/meios:

"O capitalismo surgiu através da empresa permanente e racional, da contabilidade racional, da técnica racional e do direito racional. A tudo isso se deve ainda adicionar a ideologia racional, a racionalização da vida, a ética racional na economia." (Weber, História Geral da Economia)

Da racionalização da vida e da ética na economia já tratamos acima. A questão da empresa, contabilidade, técnica e direito racional nos remetem ao fenômeno da burocracia.

Racionalidade Moderna e Burocracia

Vimos que a idéia de dominação racional-legal caracteriza a sociedade moderna e que seu elemento-chave é a burocracia, na qual Weber identifica o gérmen do Estado moderno ocidental e das formas modernas de associação: exército, partido, empresas, igreja. A burocracia, juntamente com as cidades ocidentais, com o Estado racional, com as empresas e com a economia monetária, são fenômenos causais e definidores da racionalidade moderna.

Os pressupostos e causas do nascimento da burocracia são: o surgimento de uma economia monetária; de um sistema tributário; a necessidade de exércitos permanentes. E seus princípios são a regularidade abstrata da execução da autoridade, que resulta da igualdade perante a lei, do horror ao privilégio e da rejeição ao tratamento dos casos individualmente. Em lugar da administração subsidiada e herdada pelos notáveis, a burocracia coloca o trabalho profissional. Assim, a burocracia traz as seguintes vantagens: precisão, velocidade, clareza, continuidade, unidade, discrição, redução de atritos e de custos, *calculabilidade* e previsibilidade.

A burocracia, Weber define, "é o meio de transformar uma ação comunitária em ação societária racionalmente ordenada". Ou seja, é a forma de organizar e criar, na

sociedade complexa, as ações sociais que, na sociedade dos pequenos grupos, tem um ordenamento natural.

Em suma, a sociedade moderna, segundo Weber, caracteriza-se pela presença da burocracia, da cidadania, do capitalismo e pela crença nestes enquanto princípios, pois estes três componentes resumem a idéia de racionalidade. Se o somos de fato racionais, e se devemos efetivamente ser racionais, esta é outra discussão.